

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BÁRBARA FERNANDES DA SILVA

**Uma história das mulheres egípcias em perspectiva comparada: a condição feminina
do Egito Antigo e no Egito atual**

GOIÂNIA/ GO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BÁRBARA FERNANDES DA SILVA

**Uma história das mulheres egípcias em perspectiva comparada: a condição feminina
do Egito Antigo e no Egito atual**

Artigo apresentado ao Departamento de
História do CEPAE como requisito parcial
para conclusão do curso de Ensino Médio,
Orientado pelo Prof. Ms. Allysson
Fernandes Garcia.

GOIÂNIA, 2015.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo responder questões sobre o Egito Atual e o Egito Antigo com a temática voltada à condição da mulher. Em ambas as sociedades apresentadas, serão mostradas características específicas da cultura egípcia desde a infância até a vida adulta da mulher, tanto no Egito Antigo quanto no Atual. Além disso, evidencia um possível retrocesso na cultura da população do Egito Atual devido a sua discriminação às mulheres, vinda principalmente de religiosos extremistas. A análise foi feita com base em artigos de historiadores e em trabalhos publicados na internet por professores e redatores, além do livro de Jacq Christian, *As Egípcias*.

ABSTRACT

This analysis wants to answer questions about the Old Egypt and the Actual Egypt, its theme is the condition of women on this epochs. Both society presented, it will show specific characteristics of the Egyptian culture since the childhood until the adult life of a women, both in Old Egypt and in Actual Egypt. Besides, it evidences a possible backspace in the culture of the Egyptian population due because of its discrimination to women, coming mainly from the extremely religious people. The analysis has been made based on articles from historians and on works published on internet sites by teacher and writers. Beyond the book by Jacq Christian, As Egípcias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1.0 CRONOLOGIA HISTÓRICA DAS DIVISÕES DINÁSTICAS.....	09
1.1 Período Dinástico Primitivo.....	09
1.2 Reino Antigo.....	09
1.2.1 1º Período Intermediário.....	10
1.3 Reino Médio.....	10
1.4 Reino Novo.....	10
1.4.1 1º Período Intermediário.....	11
1.4.2 Época Baixa.....	11
1.5 Características sociais e culturais do Egito Antigo.....	11
2.0 MULHER NO EGITO ANTIGO.....	14
2.1. Criação.....	15
2.2 Trabalho.....	16
2.3 Relacionamentos.....	17
2.4 Maternidade.....	17
2.5 Religiosidade.....	18
2.6 Política.....	18
3.0 A MULHER NO EGITO ATUAL.....	20
3.1 Criação.....	20
3.2 Trabalho.....	21
3.3 Relacionamentos.....	21
3.4 Maternidade.....	21
3.5 Religiosidade.....	21
3.6 Política.....	22
Considerações Finais.....	22
Referências.....	24

(...) não devemos permitir que a grande visibilidade das mulheres na arte egípcia obscureça o fato de que existia a distinção de sexos como parte da estrutura formal da sociedade e que, em geral, as mulheres ocuparam uma posição secundária em relação aos homens ao longo de toda a história antiga do Egito.

Gay Robins

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura responder algumas questões relacionadas à condição feminina no Egito em períodos distintos: o Egito Antigo e o Egito atual. As indagações sobre a condição feminina no Egito Antigo surgiram de um interesse pessoal despertado pela fascinante história daquela sociedade exuberante e misteriosa. O legado egípcio possui uma aura de grandiosidade e complexidade que ainda mexe com nosso pensamento. Partindo desse fascínio decidimos trabalhar a condição feminina por ser um aspecto da realidade histórica pouco trabalhada ao longo dos estudos no ensino básico. Sendo assim, relacionamos os dois interesses a fim de desenvolver uma pesquisa que pudesse apresentar algumas respostas para as questões: qual era o papel da mulher durante o Egito Antigo? Seria possível conhecer aspectos da condição feminina no período faraônico? A condição feminina atual teria alguma semelhança com aquela do passado?

A princípio o trabalho tinha o objetivo de pensar sobre o mito que explica a importância da mulher para a sociedade egípcia (mito da deusa Ísis). Na perspectiva inicial a ideia era apresentar algumas personalidades femininas que marcaram a história do Egito Antigo, alguns de seus feitos e suas influências. Além de procurar discutir sobre o modo como as mulheres posicionavam-se naquela sociedade.

A comparação com o tempo presente era desde o início uma estratégia para garantir historicidade a pesquisa. Possibilitando, assim, entender as mudanças que ocorreram com o passar dos anos, nesse caso, as diferenças e semelhanças entre o tratamento recebido pela mulher atualmente em um Egito dominado pelo islamismo e aquele recebido no período faraônico.

O trabalho apresenta personagens femininos da história do Egito Antigo que contribuíram para o crescimento e funcionamento do Estado, para que assim seja possível conhecer os costumes da época e as crenças envolvendo mulheres e mostrar que nem todas os personagens importantes da história eram do sexo masculino. Além de causar inquietação pela diferença e/ou semelhança entre o tratamento recebido no Egito Antigo e atualmente. Como por exemplo, a facilidade com que elas ascendiam ao poder e como eram reconhecidas como divindades ou filhas de deuses, nos dias atuais essa mistificação não

existe com tanta força como nas dinastias do Egito Antigo e a importância da mulher não é tão levada em consideração.

A luta pela igualdade de gênero é prova de que talvez possa ter ocorrido uma regressão, já que atualmente as mulheres não recebem o mesmo tratamento que os homens e isso não acontecia no Egito Antigo. Os homens tinham o papel de faraó, mas isso não significava que detinham o poder sozinhos. O homem era sempre auxiliado por uma mulher. Assim, poderemos conhecer um pouco mais da cultura egípcia, também é interessante mostrar que houve mulheres importantes assim como Cleópatra e Hatchepsut, que não são apresentadas em muitos estudos.

O trabalho apresentará questões de gênero na Antiguidade, analisando representações femininas para entender como o gênero feminino era construído no Egito Antigo, identificando os papéis da mulher e a condição feminina na sociedade egípcia, principalmente no território de Tebas.

Este é um estudo bibliográfico. Trabalhamos com fontes secundárias que trataram das mulheres egípcias direta ou indiretamente. As obras utilizadas aqui podem ser divididas em três categorias: aquelas relacionadas à egiptomania, outras desenvolvidas pela egiptologia e por fim reportagens jornalísticas. Estas foram utilizadas principalmente para construir o quadro da condição feminina na atualidade. As primeiras estão no rol dos trabalhos que não possuem um compromisso científico, a egiptomania, segundo Margareth Bakos (2005, p. 275) seria

considerada por alguns como um produto da campanha de Napoleão Bonaparte, ao Egito, no século XVIII, fato que levou à descoberta da Pedra de Roseta e à decifração da escrita hieroglífica, por Jean François Champollion, através do estudo de suas inscrições bilíngües, possui, na verdade, raízes no mundo antigo, com ênfase, no período greco-romano. As experiências de egiptomania serviram para atizar, alimentar, renovar a ancestral chama da paixão dos ocidentais por aquilo o que, a seus olhos era fascinante: o exótico oriente antigo que, desde o século IV ^aC, com a conquista do Egito por Alexandre da Macedônia despertava a curiosidade. A partir de então, pela bacia do Mediterrâneo oriental navegaram, do continente africano ao europeu, obras primas originais dos egípcios antigos que se, de um lado, construíram as coleções de peças egípcias dos museus do mundo inteiro, de outro, forneceram modelos para as práticas de egiptomania, essas também universais.

Seguindo essa perspectiva podemos incluir o livro de Christian Jacq “As Egípcias: retratos de mulher no Egito faraônico” (2002) no âmbito da egiptomania. Neste trabalho o

francês apresenta as mulheres que estiveram no poder ou exerceram alguma influencia na forma de governo da época. Apresenta ainda indícios e justificativas para um possível regresso da sociedade na forma de encarar o papel social da mulher. Não há, porém, da parte do autor um compromisso com a verdade histórica ou arqueológica, seu interesse é muito mais cativar o público leigo, apesar de sua formação em egiptologia. Jacq é autor de vários romances sobre o Egito faraônico e, conforme, salienta Márcia Jamille Costa (2010), seus textos “se destacam na divulgação de um Egito místico, fantasioso, e o mais interessante: mascarado pela a descrição de fatos reais”.

Estando cientes dessa característica, o trabalho de Jacq serviu para nos indicar muitas informações sobre mulheres reais e comuns do período faraônico, pois, mesmo estando mais próximo da literatura acreditamos que suas descrições são uma ótima contribuição para a realização de nossa pesquisa. Pois, como nos indica Bakos (2005, p. 279): “através da egiptomania, situada entre a ciência e a imaginação, temos a consciência de sermos contemporâneos dos períodos há muito passados. É que a história atual é de fato uma história da humanidade”.

O estudo do livro “As Egípcias” de Christian Jacq foi complementado com os estudos de egiptólogos. Ou seja, estudos realizados por especialistas em Egito nas áreas da história e arqueologia. Um desses trabalhos é “Senhora da Casa, Divindade e Faraó” de Júlio Gralha. Ao analisar a obra de Gralha identificamos o compromisso com a verdade histórica das descrições através das referências oferecidas, o que não acontece com Jacq.

Utilizamos outros estudos de egiptólogos como o trabalho de Arnoldo W. Doberstein sobre o Egito Antigo (2010). Um estudo amplo sobre a história do Egito faraônico em seus aspectos sociais, políticos e culturais apresentando as principais controvérsias e o estado atual dos estudos sobre o Egito Antigo.

Muito importante para nosso estudo foi nos depararmos com os trabalhos de Márcia Jamille Costa, uma arqueóloga brasileira especialista em Egito que mantém um blog com publicações diversas sobre suas pesquisas, além de resenhas e comentários críticos sobre outros estudos e publicações sobre o Egito. Utilizamos ainda o texto da enciclopédia livre, Wikipédia, Antigo Egito, por se tratar de um texto fundamentado em fontes diversas e muito bem referenciado.

Para o estudo do Egito atual nos amparamos em algumas reportagens veiculadas em portais de notícias na internet. Um dossiê sobre a revolta do mundo árabe publicado pelo Último Segundo nos informou sobre a difícil condição das mulheres árabe em geral e egípcias em particular na luta por direitos. Uma reportagem da Revista Marie Claire e outra do portal Terra trataram do problema da violência sofrida pelas mulheres egípcias.

O trabalho está organizado em três tópicos. No primeiro desenvolvemos um plano geral sobre a história do Egito faraônico, destacando os principais aspectos apresentados nos estudos sobre aquele período. No segundo tópico apresentamos a condição feminina no Egito Antigo no âmbito privado e público, tratando dos aspectos relacionados ao casamento à criação dos filhos, a participação no trabalho, na política e na religiosidade. Por fim, procuramos descrever a condição feminina no Egito atual destacando aspectos aproximados – dependendo das informações que as fontes nos apresentaram - daqueles apresentados no segundo tópico.

É preciso salientar que este não é um estudo que procura esgotar o tema. Trata-se de um trabalho exploratório aja vista o orientador não ser um especialista no tema. Porém, acreditamos ter realizado um trabalho que poderá despertar o interesse de outras pessoas sobre a história das mulheres e gênero no Egito, bem como servir de apoio introdutório aos interessados no tema desenvolvido por nós.

1 CRONOLOGIA HISTÓRICA DAS DIVISÕES DINÁSTICAS

O Antigo Egito foi constituído de várias divisões. Cada autor possui sua própria forma de estudar as transformações sofridas ao longo da história do Antigo Egito. A divisão dinástica foi adotada para apresentar a evolução ocorrida desde meados dos anos 4000 a.C até o fim da trigésima primeira dinastia que durou até meados de 343 a.C. De acordo com Arnold W. Doberstein (2010) e com o texto Antigo Egito da enciclopédia livre, Wikipédia, os principais períodos e suas principais características estão descritas abaixo.

1.1 Período Dinástico Primitivo

O período dinástico primitivo comporta as dinastias I, II. Ele foi caracterizado pela unificação do estado e pelo início da monarquia faraônica com o faraó Menés, o fundador da primeira dinastia. Sua existência é evidenciada em achados arqueológicos como a pedra do Palermo que contém os nomes dos primeiros cinco faraós do Egito. Foi ele quem fundou Mênfis como sua capital e introduziu a adoração a deuses e a prática de sacrifícios, reinou por 30 anos e então foi morto por um hipopótamo.

A segunda dinastia de faraós governou entre 2825 a.C a 2675 a.C, foi composta por 8 governantes e não se tem muitas informações sobre os acontecimentos da época

Foi no período dinástico primitivo que se iniciou a agricultura. As práticas médicas egípcias datam desse período. O Egito dividiu-se em Reino Alto e Reino baixo, as comunidades começaram a se juntar e formar pequenos estados.

1.2 Reino Antigo

O Reino Antigo dá início as dinastias III, IV e V. Esse foi um período de grande avanço na irrigação e na agricultura, além do início das construções de pirâmides. Nesse período diz-se que houve uma grande revolução, porque a partir da V dinastia lutas sociais e políticas abalaram a estabilidade do Egito. O aumento do poder dos nobres também fez com que a monarquia fosse enfraquecida e isso colocou um fim no Reino Antigo.

1.2.1 1º Período Intermediário

Esse período do Egito Antigo possui as dinastias VII, VIII, IX, X e XI, nele o Egito volta a ser dividido e dessa vez em três partes: Delta, Médio Egito e Alto Egito. Nesse período, era comum a auto-intitulação de reis, devido à anarquia e até a X dinastia não houve poder centralizado. Vários deles reinavam concomitantemente e apesar de serem cruéis, trouxeram benefícios ao Egito, como por exemplo, a fortificação de fronteiras e melhorias no comércio.

É a partir da XI dinastia que mudanças começam a ocorrer, como a unificação do Alto Egito e o direito de ser mumificado. Antes apenas faraós possuíam esse direito, e a partir desse momento todos que podiam pagar passam a ser mumificados.

1.3 Reino Médio

O Reino Médio se inicia a partir da XI dinastia e termina na XII dinastia. Foi um período marcado por grandes obras hidráulicas e se iniciou com a coroação de Amenhemet

1.3.1º Período Intermediário

Esse período compreende as dinastias XIII, XIV, XV, XVI, XVII e caracteriza-se pela invasão dos hicsos, povos de origem semita que dispunha de elementos militares que os egípcios não possuíam, o que resultou no êxito dos hicsos. Foram séculos de ocupação do Delta do rio Nilo e só foram retirados após no final da XVII dinastia quando o exército de Amósis iniciou um processo de expansão dos territórios egípcios.

1.4 Reino Novo

O Reino Novo inclui as Dinastias XVIII, XIX e XX, se inicia após a expulsão dos hicsos e dá continuidade à política expansionista. É na XVIII dinastia que viveu Hatchepsut que governou após a morte do marido, Tutmés II, assumindo os títulos reais reservados aos monarcas masculinos. O Egito passa a realizar várias incursões pelos territórios adquiridos

trazendo muito ouro e especiarias, mas na XX dinastia ele começa a decair com a sequência de Ramsés que ascenderam ao trono e tiveram um reinado apagado com campanhas militares fracas que o prejudicaram. O fim do Reino Novo foi marcado pela tomada da região do Delta por Smendes.

1.4.1º Período Intermediário

Esse período da história do Egito Antigo abrange as dinastias XXI, XXII, XXIII, XXIV e XXV. Foi um período sem poder centralizado, mas considerado um período de paz. O principais governantes eram militares de origem de origem Núbia e Líbia.

1.4.2 Época Baixa

Período que antecede a era ptolomaica e se inicia após o 3º período intermediário e perdura pelas dinastias XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX e XXXI. Psamético conseguiu se tornar o único governante de todo o Egito. A XXVII é a primeira dinastia de ocupação persa, mas logo após a derrota destes pelos gregos, os egípcios revoltam-se contra o poder persa provocando uma grande instabilidade política. Somente na XXVIII após a morte de Dario II o Amirteus se tornou faraó após uma revolta.

Na XXXI, os persas já enfraquecidos perdem o poder para Alexandre, O Grande.

1.5 Características sociais e culturais do Egito Antigo

Em sua totalidade, o povo egípcio era diferente do atual. Sua pirâmide social era composta pelo faraó no topo, seguido pela nobreza, escribas, soldados, comerciantes, artesãos, camponeses e escravos, como mostra o texto “A pirâmide Social”, de Lucas Ferreira (2010). Eram um povo muito mais humano que o atual, mais humanos por não terem como prática normal a desvalorização da mulher e não à submetiam a violências, como a mutilação de órgãos, como o assédio indiscriminado e sua falta de voz perante a sociedade. Não eram igualitários, mas não havia a atual discriminação por parte de toda a sociedade masculina e conservadora, além da omissão do país direcionada a população

feminina. No Egito Antigo pode-se encontrar evidências de que as mulheres tinham apoio legislativo, para se divorciar por exemplo, e atualmente não possuem.

Eram um povo muito preocupado com a saúde e com a estética, chegando até a se lavar com soda cáustica. Eles tinham muito medo de qualquer tipo de enfermidades, mas os privilégios eram direcionados aos mais ricos, artesãos e camponeses se lavavam em rios (Saúde e Beleza no Egito Antigo, Sabina Hrnčírová).

Eram um povo extremamente religioso e politeísta, realizavam frequentemente oferendas a deuses e os confiava a tarefa de manter a paz através de seu representante terrestre, o faraó. Como afirmam Fabio Costa Pedro e Olga M. A. Fonseca Coloun (A Religião Egípcia, 1989), o faraó era considerado uma divindade, a encarnação de Deus e sumo sacerdote, o que configurava seu poder absoluto.

O faraó possuía poder absoluto e reinava em uma monarquia ao lado de sua mulher (o casal régio) e seus mais confiáveis nobres. Era quem comandava as trocas feitas por comerciantes que também faziam parte das camadas sociais do Egito Antigo. que aconteciam na margem esquerda do Delta do Nilo, lá os comerciantes efetuavam trocas como vinho, azeite e cerâmica etc. Não existia nenhuma moeda, por isso as trocas eram a principal característica do comércio (AGUIAR, 2015).

O conhecimento que se tem do Antigo Egito demonstra que aquela era uma sociedade complexa situada em uma região de fronteira entre os três continentes: África, Ásia e Europa. Em geral o Antigo Egito é caracterizado como uma das civilizações hidráulica por ter se formado em torno da bacia do Rio Nilo de maneira semelhante às civilizações mesopotâmicas que se organizaram em torno dos rios Tigre e Eufrates no médio oriente, também conhecidas como “Impérios Teocráticos de Regadio”. Nessa perspectiva defende-se que toda a organização social, cultural e econômica daquelas sociedades desenvolveu-se em relação aos rios, seja em suas possibilidades de fertilidade do solo, seja no uso para transporte, contribuindo para o aumento demográfico e o desenvolvimento de uma estrutura estatal complexa.

O interesse dos gregos pelo Egito legou para a posteridade a ideia de aquela sociedade era “uma dádiva do Nilo”, conforme registrado na História de Heródoto no século V a.C. O próprio nome Egito é uma variação do grego Aigyptos, demonstrando que a imagem que temos do Egito é derivada do olhar grego sobre aquela civilização.

Doberstein (2010) defende que poderíamos chamar Heródoto de “Patrono da Hipótese Causal Hidráulica”, por ter o historiador grego descrito os acontecimentos que marcaram o início do reinado dos faraós atribuindo grande importância aos trabalhos hidráulicos, o que teria criado a necessidade de uma centralização administrativa.

No entanto, essa hipótese tem sido questionada por historiadores e especialistas em Egito Antigo que defenderam outros aspectos de maior relevância para a unificação como o conflito com outros povos, o que teria desencadeado uma “preocupação defensiva”; o desenvolvimento de uma unificação das aldeias pré-dinásticas garantindo a dominação pelas elites locais através da criação de “mecanismos de repressão de dimensões estatais”; ou ainda, a hipótese da distribuição das cerâmicas, relacionadas a transformação de uma classe de barões da cerâmica que teriam passado a investir na construção e manutenção de canais de irrigação, a luta pelo poder regional entre esses barões teriam gerado um modo de vida desencadeando conquistas e por conseguinte a unificação por conta das vitórias naquelas lutas.

Não é nosso interesse aprofundar na discussão sobre a história do Egito Antigo, mas apresentar um olhar geral sobre aquela sociedade complexa e multifacetada. Entendendo certos aspectos característicos teremos possibilidade de verticalizar o olhar para a questão feminina. Nossa preocupação se volta para a participação social da mulher no Egito Antigo para posteriormente estabelecer uma comparação com a condição feminina no Egito atual.

2. A MULHER NO EGITO ANTIGO

Os estudos sobre a mulher no Egito Antigo evidenciam que as mulheres eram responsáveis pelo legado da família, ou seja, pela perpetuação de sua família, impedindo que essa se perdesse ao longo das gerações seguintes. Acreditava-se que o filho recebia os ossos de seu pai e os tecidos moles e parte do coração de sua mãe. Além disso, existiam deuses que zelavam pela maternidade, assim como a segurança do feto (Tauret) e pelo amor dado aos filhos (Bastet), havia também um deus (Bés) que era responsável pelo bem estar da criança e da mãe.

Jacq (2002) afirma que no Egito Antigo a espiritualidade da mulher é tão importante como a dos homens. As mulheres eram as responsáveis pelos cultos às divindades do panteão egípcio. Em muitos casos, quando ascendia a posição de faraó e quando se tornavam rainhas, era feito um culto em que elas passavam a representar seus deuses. No caso da mulher faraó, ela representava o casal régio mesmo não estando casada, assim, podia governar sob a liderança de um deus, o que justifica a prática de cultos aos deuses superiores. Gralha (2012) apresenta em seu trabalho toda a variedade de divindades do panteão e seus papéis, cada deus possui sua parceira e uma determinada importância no papel da criação do Cosmos.

Apesar da visão floreada de Jacq, ambos possuem o mesmo ponto de vista em relação ao casamento no Egito Antigo. Ambos dizem que não era um ritual religioso, era um contrato entre um homem e uma mulher em que eles passavam morar juntos, mas não compartilhavam bens. O marido não era de fato escolhido pelo pai, mas precisava de sua autorização. Geralmente eram escolhidos de acordo com sua linhagem, mas existiram casamentos feitos porque havia sentimentos entre os cônjuges, comprovadas em poemas de amor encontrados por arqueólogos (STROUHAL, 2007, p. 39-40). Não havia rituais que estabelecessem a união, ela era feita através do contrato e, algumas vezes, de uma festa para amigos e familiares. A união não tornava a mulher inferior ao homem, ela podia trabalhar fora de casa, exercendo trabalhos como o de artesã, e ser responsável por manter o lar.

Ao longo desse capítulo desenvolveremos alguns tópicos que apresentam de uma maneira geral o papel desempenhado pelas mulheres em âmbito privado e público.

Acreditamos que dessa forma é possível entender a condição feminina no Egito Antigo.

2.1. Criação

O texto *As Crianças* de Ismael Sá Netto (s/d.), mostra que a criança egípcia era livre para brincar e acompanhar seus pais nos trabalhos que possuíam, andavam nus e sem nome até o momento em entravam na escola, por volta dos cinco anos de idade. A menina recebia um vestido e nesse momento, recebia também um nome, geralmente com um significado relacionado a deuses, pelo fato de que os egípcios apadrinhavam suas crianças dando-lhes nomes derivados de algum deus.

Após os cinco anos de idade as crianças entravam na escola, onde adquiriam conhecimento sobre a escrita, aritmética, cálculos, zoologia, mineralogia, botânica, geometria e geografia. Além desse conhecimento, eram educados em casa e aprendiam a reproduzir o que seus pais faziam. Os populares eram excluídos da ginástica e da música, já que estas eram reservadas apenas à casta guerreira. Isso foi mostrado no texto *Egito*, que disponibiliza informações sobre a história oriental. Aos doze anos a mulher já estava apta a se casar.

Atualmente as crianças têm uma infância mais longa, o tempo para brincar é maior e possuem muitos brinquedos e tecnologias para desfrutar. Entre eles, brinquedos, como bonecas e brinquedos de madeira ainda são comuns. Crianças vão a escolas a partir dos 5 anos de idade e recebem conhecimentos diversos e diferenciados daqueles recebidos pelas crianças egípcias e raramente são educadas em casa. O trabalho braçal ou prático ainda persiste, principalmente no Cairo, onde milhares de crianças são vistas nas ruas trabalhando. A idade mínima para o casamento foi modificada para 18 anos.

2.2 Trabalho

Quanto ao trabalho, as opiniões variam entre os historiadores. Jacq Christian (1947), por exemplo, traz em seu livro o retrato de uma mulher independente capaz de ser a provedora do lar e de exercer atividades fora de sua residência. Julio Gralha (2012) se

posiciona contrariamente a Jacq ao afirmar que a grande maioria das mulheres não possuíam tantos direitos e as que possuíam, geralmente, faziam parte da nobreza.

Gralha (2012) cita em seu trabalho “*Senhora da Casa, Divindade e faraó*” um autor chamado Gay Robins e utiliza de suas referências para afirmar que as mulheres possuíam um papel secundário em relação aos homens. As mulheres do campo possuíam a incumbência de produzir pão para rações, cerveja e faziam trabalhos de tecelãs, é possível identificar essas tarefas através de pinturas da época. Os trabalhos braçais e artesanais eram feitos por homens, pinturas mostram também que o homem possuía a pele mais bronzeada do que a da mulher, assim supõe-se que os trabalhos ao ar livre eram apenas masculinos. Jacq nos mostra um Egito igualitário e sem problemas de gênero, mas Gay e Gralha levantam a dúvida sobre a igualdade entre gêneros no Egito Antigo..

A pirâmide social do Egito era composta pelo faraó no topo, seguido pela nobreza, escribas, soldados, artesãos, camponeses e escravos. A grande maioria dos trabalhadores egípcios eram cidadãos menos favorecidos, camponeses. A classe dos escravos era composta por soldados capturados em guerras, e eram numericamente, pequenos.

A construção das pirâmides, por exemplo, é alvo de diversas especulações. O artigo de Aude Gros de Beler (Ano?) nos mostra que não se pode dizer que escravos construíram as pirâmides porque foram encontradas tumbas com restos de trabalhadores que morreram durante a construção das pirâmides. A localização das tumbas mostra que não poderiam ser escravos, já que escravos não seriam enterrados próximos às tumbas de faraós.

As tarefas sagradas eram papéis do faraó já que os cidadãos eram proibidos de entrar nos templos. Não se sabe com que frequência os faraós comandavam os rituais, mas sabe-se que abaixo dele, apenas sacerdotes de alto escalão poderiam fazê-lo após vários rituais de purificação, como se vê no texto *Os Templos no Egito Antigo* de Marcio Sant’Anna.

2.3 Relacionamentos

Casamento e Virgindade no Egito Antigo e O Namoro no Egito Antigo, Márcia Jamille, indica que aos 12 anos de idade, as mulheres se casavam com a devida aprovação do patriarca da família. A virgindade não era pré-requisito para que a união ocorresse, assim, a mulher poderia se casar sendo virgem ou não. O homem podia se casar se tivesse

condições materiais para sustentar uma família, assim sendo, ele requisitava a autorização. Ele era aconselhado a fazer a sua mulher feliz, a cuidar e a respeitá-la. De acordo com achados arqueológicos é possível dizer que havia amor em algumas uniões, mesmo que raramente. Foram encontrados poemas de amor que evidenciam o fato. (STROUHAL, 2007, p. 39-40)

A cerimônia de casamento atual pode ser comparada ao que acontecia no Antigo Egito apenas em alguns aspectos, os egípcios apenas reuniam as duas famílias e celebravam com trocas de presentes entre as famílias, atualmente existem outros tipos de ritos além da celebração entre famílias.

2.4 Maternidade

Márcia Jamille também escreveu sobre a mulher como mãe, o texto *Ser Mãe no Egito* mostra as principais características. A mulher era responsável pelo legado da família, ou seja, pela perpetuação de sua família, impedindo que essa se perdesse ao longo das gerações seguintes. Acreditava-se que o filho recebia os ossos de seu pai e os tecidos moles e parte do coração de sua mãe, informação retirada do Livro dos Mortos num trecho que se referia à figura maternal. Além disso, existiam deuses que zelavam pela maternidade, assim como a segurança do feto (Tauret) e pelo amor dado aos filhos (Bastet), havia também um deus (Bés) que era responsável pelo bem estar da criança e da mãe.

Há várias discussões a respeito da matrilinearidade na sociedade egípcia, é possível encontrar relatos de homens que mesmo adultos tinham o nome associado ao da mãe, o que configura uma sociedade matrilinear. Acredita-se que mesmo que o poder centralizado fosse herdado pelo homem, era a mulher a responsável pela legitimidade real.

2.5 Religiosidade

Jacq (1947) mostra que no Egito Antigo a espiritualidade da mulher era tão importante como a dos homens. Os faraós eram responsáveis pelos cultos às divindades do panteão egípcio para que as divindades continuassem a afastar o caos do Egito. Em muitos casos, quando ascendia a posição de faraó e quando se tornavam rainhas realizava-se um culto em que elas passavam a representar suas deusas. No caso da mulher faraó, ela

representava o casal régio mesmo não estando casada, assim, podia governar sob a liderança de um deus, o que justifica a prática de cultos aos deuses superiores. Gralha (2012) apresenta em seu trabalho toda a variedade de divindades do panteão e seus papéis, cada deus possui sua parceira e uma determinada importância no papel da criação do Cosmos.

Apesar disso, a maior parte dos rituais religiosos eram realizados por sacerdotes que preparavam suas almas e corpos para a ocasião. Em alguns casos mulheres o fizeram e sua única restrição com relação ao templo, é que não poderia frequentá-lo durante seu período fértil.

2.6 Política

“Às mulheres caberiam às funções de gerar, curar e manter o equilíbrio e aos homens as funções de julgar, guerrear e conduzir” (ROBINS, Gay. *Las Mujeres em el Antiguo Egipto*. Madrid: Akal, 1996.)

Há inúmeros estudos sobre a posição da mulher na sociedade egípcia. O senso comum diz que as mulheres possuíam os mesmos direitos que os homens possuíam, mas após algumas pesquisas é possível perceber que apenas uma parte delas chegaram a certa paridade no acesso aos mesmos direitos que os homens no Egito Antigo.

Seus direitos consistiam em poder adquirir propriedades, de pedir divórcio e de poder controlar sua riqueza. Após a união entre um casal, os bens permanecem distintos e em caso de morte o filho recebe herança de ambos os pais. Além disso, as “mulheres não só podiam adquirir bens, como, eventualmente, também gerar riqueza no interior de suas casas” (SOUZA, 2008), podiam agir em situações jurídicas relacionadas a elas ou em função de testemunhas.

O fato de que mulheres possuíam direitos não significa que a sociedade feminina da época era homogênea. Os direitos eram diretamente proporcionais a riqueza que a mulher possuía.

(...) não devemos permitir que a grande visibilidade das mulheres na arte egípcia obscureça o fato de que existia a distinção de sexos como parte da estrutura formal da sociedade e que, em geral, as mulheres ocuparam uma

posição secundária em relação aos homens ao longo de toda a história antiga do Egito. (ROBINS, 1996 *apud* SOUZA, 2008)

O livro de Jacq (As Egípcias, 1941) traz relatos de mulheres que ascenderam às posições mais altas na política, as que se tornaram faraó ou governantes, como por exemplo, Merit-Neith (cap. 2), Meryrê-Ankhenés (cap. 6), Nitócris (cap.7), Sobek-Neferu (cap.8), Iah-Hotep (cap.9), Ahmés-Nefertari (cap.10), Hatchepsut (cap.12), Tiyi (cap.17), Tausert (cap. 25) e Cleópatra (27). O que todas essas mulheres têm em comum é o fato de que todas governaram como faraó do Egito, algumas legitimadas e outras apenas substituíram seus filhos por algum tempo. Além disso, são todas mulheres da realeza, mesmo que de origens desconhecidas, no momento da ascensão eram esposas reais, não há dados que mostrem uma rainha camponesa ou uma mulher que não era casada com um homem de família nobre, mesmo que em momentos distintos da história.

Hatsepsut, por exemplo, se tornou faraó sete anos após a morte de seu marido. Seu reinado durou vinte e dois anos e então foi substituída pelo filho de seu marido. Durante seu governo, Hatsepsut utilizou acessórios masculinos, foi muitas vezes representada usando uma barba postiça, já que possuía um cargo masculino. Após sua morte, o faraó seguinte, Tutmósis III assume o poder e destrói parcialmente os vestígios da existência da faraó, que desaparece logo após a coroação dele.

Outro exemplo de mulheres que possuíam alguma autoridade no governo são as Candaces, Walter Passos em *Candace e Matriarcado - O Parlamentarismo no Império de Kush(2008)* apresenta as governantes do reino de Núbia, ao sul do Egito. Era uma dinastia de rainhas guerreiras que detinham o poder pouco antes da era cristã, formavam uma sociedade matrilinear. As mulheres governavam em ciclos de dez, vinte e trinta anos e então era iniciado outro ciclo. As governantes não tinham poder vitalício nem hereditário, o que trouxe uma paz política e um grande desenvolvimento da civilização kushita.

3. A MULHER NO EGITO ATUAL

3.1 Criação

Dados da Unicef mostram que atualmente o Egito possui uma das maiores taxas de natalidade do mundo, cada mãe possuem em media 6 filhos. As crianças do sul sofrem com a grande falta de medidas de saúde básica, são afetadas por retardo de crescimento e infecções urinárias. Já as do norte quase não têm acesso às escolas.

Esses dados revelam também que mesmo após a proibição da prática de mutilações, ainda ocorrem crimes contra o corpo das mulheres. As meninas ainda são submetidas à mutilação dos órgãos genitais, em número menor, mas não menos assustador, no Alto Egito, em áreas mais afastadas e rurais são os locais onde mais ocorrem essas mutilações. Essa mesma lei, dá a criança o direito de ser registrada e o de não ser julgada da mesma forma como um adulto seria, além de elevar para 18 anos a idade mínima para o casamento.

Milhares de crianças são obrigada a deixar a escola e a começar a trabalhar para ajudar a sustentar a família, estas estão entre 7 e 15 anos de idade. No Cairo, por exemplo, crianças vivem nas ruas expostas a qualquer tipo de violência. Algumas organizações não governamentais se encarregam de proporcionar cursos técnicos, além de dar um dia de descanso do trabalho para que essas crianças possam aprender a ler e escrever.

3.2 Trabalho

Há um número significativo de ativistas e escritoras, mas não se sabe ao certo quanto trabalho, paralelo ao serviço doméstico, a mulher pode exercer.

De acordo com dados da UNICEF, a diferença de gêneros nos países islâmicos é grande. Mostra que a porcentagem de mulheres analfabetas ultrapassa os 50%.

3.3 Relacionamentos

A poligamia no Egito atual é comum, um homem pode ter mais de uma mulher e se separar com ou sem o consentimento da esposa. A esposa foi adquirida, na maioria das

vezes, em um casamento arranjado/forçado. São mutiladas para preservar a virgindade e privadas do prazer sexual que é considerado um pecado.

Em seu blog, Khaled Emam diz que as cerimônias de casamentos são compostas por rituais. Um deles se chama Bekhur, que consiste em acender um defumador e passar por cima dele sete vezes que representariam a quantidade de dias que duraram a criação do mundo e os dias da semana. Esse ritual tem como objetivo trazer prosperidade ao casal e espantar o azar. Além disso, Priscila Domingos (2013) também mostra que no Egito, a família da noiva encarrega-se de cozinhar para os noivos durante a semana seguinte à cerimônia. Assim, o casal pode desfrutar melhor o início do casamento.

3.4 Maternidade

A mãe egípcia não está inserida mais em uma sociedade matrilinear, atualmente a mãe de um criança egípcia só é responsável pela gestação e pelo cuidado da criança. A criança é registrada no nome do pai.

3.5 Religiosidade

O islã é a religião oficial do Egito, religião que é caracterizada pela extrema devoção. A religião segue as doutrinas de Maomé escritas no livro sagrado, o Alcorão. (FRANSCISCO, 2015).

3.6 Política

As informações retiradas da reportagem ao *site* IG de Leda Balbino e Luísa Pécora, mostram atualizações importantes sobre a atual situação feminina. A junta militar proibiu que mulheres encabeçassem a lista dos partidos que concorrem nas eleições legislativas e a “contrarrevolução” após que queda do ex-presidente Hosni Mubarak procurou retirar os quase não existentes direitos que elas possuem, inclusive o de participar da política. Isso não permitiu que as mulheres ativistas desistissem de querer um Egito mais igualitário, mas

muitos agravantes como a corrupção, o desemprego e a pobreza impedem o avanço do Egito.

Podem votar e concorrer além de ocupar cargos, mas têm influência limitada. Teoricamente seu acesso à justiça é igual ao dos homens, mas o depoimento de um homem vale pelo de duas mulheres.

Considerações finais

Jacq acredita que houve um retrocesso na civilização, acredita que as mulheres egípcias possuíam mais privilégios e podiam ter responsabilidades tão altas quanto às entregues aos homens, como por exemplo, o poder de liderar rituais religiosos e de exercer trabalhos fora de sua casa, para ele a mulher contemporânea possui menos privilégios, direitos e oportunidades do que na sociedade egípcia.

Gralha (2012) cita em seu trabalho “*Senhora da Casa, Divindade e faraó*” um autor chamado Gay Robins e utiliza de suas referências para afirmar que as mulheres possuíam um papel secundário em relação aos homens. Apesar de encontrarmos fontes que apresentam dados de mulheres que possuíam suas próprias terras, também é possível constatar que era uma pequena minoria. As mulheres que dispunham de grandes privilégios eram na maioria das vezes ligadas à realeza. As mulheres do campo possuíam a incumbência de produzir pão para rações, cerveja e faziam trabalhos de tecelãs. Os trabalhos braçais e artesanais eram feitos por homens. Jacq (2002) nos mostra um Egito igualitário e sem problemas de gênero, mas Robinson e Gralha nos mostram que a realidade dos fatos, e os registros encontrados em papiros não são tão iguais como se pensava.

Outro ponto em que não estão de acordo é no estudo o poder político da mulher relacionando-o com os dias atuais, Jacq acredita que houve um retrocesso na civilização, acredita que as mulheres egípcias possuíam mais privilégios e podiam ter responsabilidades tão altas quanto às entregues aos homens, como por exemplo, o poder de liderar rituais religiosos e de exercer trabalhos fora de sua casa, para ele a mulher na atualidade possui menos privilégios e oportunidades do que na sociedade egípcia.

Atualmente a luta pela igualdade de gênero evidencia as dificuldades encontradas pelas mulheres para receberem as mesmas oportunidades que um homem recebe. Para Gralha não há tantas diferenças entre a contemporaneidade e a sociedade egípcia da época, já que hoje as mulheres também são capazes de trabalhar fora de suas casas e podem exercer trabalhos feitos por homens, mas encontram dificuldades para serem remuneradas de acordo com seu trabalho. O que era comum entre as sociedades é o fato de que o namoro era livre e demonstrações de carinho eram comuns, apesar de que atualmente temos o tabu de que a virgindade deve ser mantida até o casamento e na sociedade egípcia não era uma

necessidade.

A grande diferença se estabelece ao analisar a sociedade egípcia e suas modificações de acordo com a passagem do tempo. Atualmente o Egito é um país islâmico que segue os dizeres do Alcorão, uma religião monoteísta que não possui relação nenhuma com os deuses mitológicos do Egito antigo.

É possível perceber que as mulheres do Egito Antigo possuíam mais direitos que a atual. Elas podiam exercer trabalhos, mesmo que dentro de casa, e recebiam o mesmo tipo de educação que os homens recebiam, tinham direitos que a asseguravam economicamente e tinham maior liberdade sobre seu corpo. Já as mulheres atuais são reprimidas de uma forma desumana, a grande maioria não recebe educação básica e elas são submetidas a um tratamento que pessoa nenhuma deve receber. Há inúmeros relatos de violência contra a mulher no Egito, estupros coletivos, por exemplo, ocorrem com uma frequência enorme e não há nenhuma ação repressora vinda do estado para evitar que isso ocorra.

A mulher islâmica é reprimida e não possui nenhum privilégio e poucos direitos, mas estão lutando cada vez mais para que possuam o mínimo de liberdade que o ser humano deve ter. Muitas mulheres no Egito atual procuram cada vez mais mostrar que o direito de ser humanamente respeitado deve ser de todos e que isso não fere suas crenças e não é um insulto ao islã.

Por esse motivo, o número de mulheres adeptas ao ativismo islâmico vem crescendo consideravelmente, é possível encontrar inúmeros atos de revolta a repressão, mas ainda são extremamente reprimidas e desvalorizadas. É necessário que esse número não pare de crescer para que as próximas gerações cresçam acreditando que mudanças podem ocorrer e assim possam alcançar melhores condições de vida no futuro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lilian. A economia no Antigo Egito. **História do mundo**. Brasil: Rede Omnia, 2015. Disponível em: < http://historiadomundo.uol.com.br/idade-antiga/a-economia-no-antigo-egito.htm?fb_comment_id=10150620759767523_10152958564392523#f1802b7e84> Acesso em: 20 out. 2015.

BAKOS, Margareth M. O Egito antigo: na fronteira entre ciência e imaginação. In: NOBRE, C., CERQUEIRA, F. POZZER, K. (ed.). **Fronteiras & Etnicidade no mundo**

antigo. 13 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Pelotas, 2003: Canoas: ULBRA, 2005.271-281

BALBINO, Leda; PÉCORA, Luísa. Apesar de papel em levantes, mulheres árabes ainda lutam por direitos. **IG São Paulo**. São Paulo: IG, 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/revoltamundoarabe/apesar-de-papel-em-levantes-mulheres-arabes-ainda-lutam-por-dire/n1597401014626.html>> Acesso em: 6 dez. 2015.

BALBINO, Leda. Contrarrevolução frustra avanço de mulheres no Egito, diz ativista. **IG São Paulo**. São Paulo: IG, 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/revoltamundoarabe/%20%20contrarrevolucao-frustra-avanco-de-mulheres-no-eg%20%20ito-diz-ativist/n1597399289531.html>> Acesso em: 6 dez. 2015.

COSTA, Márcia Jamille. “As egípcias” de Christian Jacq, 2010. Disponível em: <<http://arqueologiaegipcia.com.br/2010/08/11/livro-%E2%80%9Cas-egipcias%E2%80%9D-de-christian-jacq/>> acesso em 22 set. 2015.

_____. Casamento e Virgindade no Egito Antigo e O Namoro no Egito Antigo. Disponível em: <<http://arqueologiaegipcia.com.br>> acesso em 22 set. 2015.

_____. Os Templos no Egito Antigo. Disponível em: <<http://arqueologiaegipcia.com.br>> acesso em 22 set. 2015.

_____. Casamento e Virgindade no Egito Antigo. Disponível em: <<http://arqueologiaegipcia.com.br>> acesso em 22 set. 2015.

_____. O Namoro no Egito Antigo. Disponível em: <<http://arqueologiaegipcia.com.br>> acesso em 22 set. 2015.

DOMINGOS, Priscila. Casamento, um mundo de tradições: veja os costumes de outros países. **Dicas de Mulher**, 2013. Disponível em: <<http://www.dicasdemulher.com.br/casamento-um-mundo-de-tradicoes-veja-os-costumes-de-outros-paises/>> Acesso em: 13 out. 2015.

Egito. **Só Pedagogia**. Brasil: Grupo Virtuous, 2008. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/historia/oriental2.php>> Acesso em: 20 out. 2015.

FRANCISCO, Wagner De Cerqueria E. "Islamismo"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/religiao/islamismo.htm>>. Acesso em 09 de dezembro de 2015.

GRALHA, Julio. Senhora da casa, divindade e faraó. In: CANDIDO, Maria Regina. **Mulheres na antiguidade: novas perspectivas e abordagens**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e editora DG, 2012, p. 190-202.

JACQ, Christian. **As egípcias: retratos de mulher no Egito faraônico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MAM, Khaled. Costumes & tradições egípcias. **Egito em um olhar egípcio**, 2012. Disponível em: <<http://www.khaledmam.com/p/costumes-tradicoes-egipcias.html>> Acesso em: 14 out. 2015.

NETTO, Ismael Sá. As crianças. **Fascínio Egito**, s/d. Disponível em: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/criancas.htm>>, Acesso em: 20 out. 2015.

UNICEF. Os direitos da criança no Egito. Brasil: UNICEF, 2009. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/sowc20anosCDC/cap1-dest11.html>> Acesso em: 14 out. 2015.

PASSOS, Walter Passos. *Candace e matriarcado - o parlamentarismo no império de Kush*.(2008) Disponível em: <<http://cnnbca.blogspot.com/2008/08/candace-e-matriarcado-o-parlamentarismo.html>> Acesso em: 27 nov. 2015.

reportagem ao *site* IG de Leda Balbino e Luísa Pécora
SOUZA, Aline Fernandes de. O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em
discussão. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis: UFSC, 2008.
Disponível em:
<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Aline_Fernandes_de_Sousa_70.pdf>
Acesso em: 03 nov. 2015.